

## **SABER OU NÃO SABER?**

**A questão da autoconfiança em demasia no uso dos recursos de informática  
dificulta a vida acadêmica dos usuários no dia-a-dia.**

**Gilberto Speggorin de Oliveira<sup>1</sup>**

Sabe-se que a interface de um computador, ou seja, a maneira como os comandos são apresentados na tela para uso das pessoas ao redor do mundo é, sem dúvida, avançada, para aproximar-se ao máximo da linguagem humana. Sabe-se, também, que, na hora de utilizar tais recursos, usa-se muito a técnica da tentativa/erro. Muitas das atribuições solicitadas ao computador se fazem procurando o comando e este, muitas vezes, atende a nosso chamado.

Até que ponto nós construímos uma lógica de caminhos que serão utilizadas ao solicitarmos novamente o comando? Repetiremos a mesma técnica anterior da tentativa/erro? Experiência vivida no Laboratório Central de Informática nos revela a dificuldade dos usuários ao executarem uma tarefa que, para muitos, parece trivial. Mas, o objetivo é mostrar que os usuários, muitas vezes, sentam em frente a um computador como se a intimidade entre eles fosse coisa reencarnada de outra vida e que, na verdade, sofrem de uma dificuldade muito grande em garantir seus dados de maneira íntegra. Saber informar ao computador que se quer acessar determinada página da *internet* é tarefa fácil para a maioria dos internautas, mas quando se trata de armazenar um trabalho solicitado por um professor, que demanda horas de digitação e raciocínio, parece que o cérebro trava.

Sabemos da necessidade de fazer, de executar uma tarefa por si próprio, de sentir o acontecer para entender, mas ao mesmo tempo necessitamos uma metodologia que possibilite ao nosso cérebro estabelecer um sistema que nos faça pensar de maneira lógica esse nosso fazer. Sempre pergunto aos meus alunos o que se perderia se o computador que eles estivessem utilizando pegasse fogo, ou caísse no chão e quebrasse em vários pedaços. A resposta não assusta. Na maioria das vezes, senão em todas, a resposta é sempre a mesma: perdem-se algumas centenas de reais. Quando pergunto: e se, neste computador, vocês têm o controle de receitas e despesas dos clientes de sua empresa e, em função da perda destes dados, vocês não conseguem mais saber quem pagou e quem precisa pagar, quanto vocês perderam? Ficam pensativos e não conseguem mensurar o que representa tal perda. Então falo a eles da importância, ou melhor, do valor intrínseco das informações que eles têm de se

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciência da Computação – UPF; Mestre em Sistemas de Informação – UFRGS . Professor do Departamento de Informática e Estatística da Universidade de Passo Fundo - Brasil. gilberto@upf.br

preocupar em salvar (guardar) neste “fichário” eletrônico. Como é fácil arrastar o cursor do mouse sobre um ícone de tela de computador e ver uma imagem transformar-se frente a nossos olhos. O que não conseguimos visualizar em nosso cérebro é que estas transformações estão acontecendo em tempo real e que estas não estão, na maioria das vezes, sendo armazenadas num local que possamos recuperar na hora em que necessitamos. Assim como ver a transformação ao simples “clique”<sup>2</sup> do mouse sobre um ícone de uma ferramenta para transformação de uma imagem, podemos preservar tão valioso trabalho de pesquisa com o mesmo e simples clique de mouse. Esse procedimento deve acontecer com uma frequência maior do que imaginamos, devemos clicar sobre o ícone para guardar as alterações de nossos dados pelo menos a cada poucas linhas ou comandos realizados. É preferível pecar pelo excesso do que pela falta neste caso.

Ao acompanhar o acesso destes usuários ao laboratório e uso que fazem do equipamento para fazerem suas pesquisas e digitação de trabalhos acadêmicos, notei um enorme número de vezes em que estes perdiam seus dados. Por vezes, as informações eram armazenadas em lugares onde não conseguiriam recuperar posteriormente; outras vezes, por confiar excessivamente na tecnologia, acabavam por armazenar um trabalho importante numa única mídia de baixa confiabilidade; outras vezes (e esta situação faz o usuário perder a paciência), deixavam de armazenar as informações por um período de tempo longo, longo o suficiente para que a “lei de Murph” entre em ação e o computador pare de funcionar, fazendo que os dados se percam no tempo e no espaço. A constante perda de documentos tem levado os usuários a estresses em nível altíssimo.

Outra pergunta que costumo fazer é a seguinte: O que é pior do que perder um arquivo contendo *slides* para apresentação num determinado evento? É difícil imaginar uma resposta, principalmente a resposta esperada pelo questionante. Mas não é difícil imaginar o transtorno causado com a perda de um arquivo. Sempre digo aos ouvintes, pior do que perder um arquivo é dizer que não fará a apresentação de um trabalho para um seminário ou *workshop*, cujo roteiro da apresentação encontra-se no arquivo. Isto sim é gravíssimo ao meu ver, imaginem o compromisso assumido com a organização de determinado evento. Como se pode dizer que a palestra não será possível porque perdeu-se um arquivo contendo lâminas, tudo bem que consumiram um mês de trabalho ou mais, que se trata de um auxílio importantíssimo e que nos deixa muito tranquilo na hora do enfrentamento de um público, mas a questão é: alguém vai aceitar a perda de um arquivo como justificativa para desistir do compromisso?

---

<sup>2</sup> apontar o *mouse* na tela sobre o desenho que representa um comando e pressionar duas vezes o botão do *mouse* para que ele execute a tarefa solicitada.

Se sim, faltou um detalhe dos mais importantes: como se pode deixar um arquivo tão importante se perder? Como confiar a um disquete o armazenamento de um trabalho tão importante? Devem-se fazer várias cópias deste arquivo, em diferentes mídias, tais como: cd de mídia armazenável, cópia na máquina original, cópia na conta de *e-mail* criada num servidor de acesso a *internet*, além de ter versões diversas à medida que se construa um arquivo, aquele que parecia ser apenas slides, lâminas de auxílio visual e que por vezes nos tira o sono.

A interface de uso das ferramentas de informática evoluiu muito rapidamente, podemos estabelecer um paralelo entre a evolução do homem do tempo das cavernas ao homem de hoje com o primeiro computador pré-histórico e o computador atual, com a diferença de que o tempo para evolução da máquina é infinitamente menor do que a evolução humana. A evolução da máquina não passa de 50 anos, e o avanço realmente significativo no *software* tem muito menos da metade deste tempo. Com este avanço, conseguimos nos comunicar com a ferramenta através de comandos visuais, facilitando o trabalho de arquivamento, pois não se justifica, de forma nenhuma, o descaso com os dados, algo tão valioso no mundo globalizado.

Não podemos deixar de considerar que apesar deste avanço, muito ainda precisa ser feito para que a comunicação homem-máquina se torne fácil e garanta a integridade de nossas informações. Como, então, condenar acadêmicos pelo descaso que eles têm com os trabalhos solicitados pelo corpo docente? Pelo simples fato de não dar a devida importância aos recursos computacionais que garantam a disponibilidade das informações valiosíssimas de uso acadêmico.

Uma observação que me intriga é que, ao questionar se o usuário compreendeu o processo de armazenamento de informações, este sempre responde afirmativamente, mas na realização de exercícios posteriores, as perguntas feitas sobre como proceder para executar determinada tarefa deixam “de cabelo em pé” qualquer colaborador. Imagine você, leitor, trabalhando com uma turma de 25 alunos, com a tarefa de mediar a construção de uma lógica de execução de tarefas por um período de 12 aulas e, durante uma avaliação dos conhecimentos construídos, um acadêmico questiona como visualizar (abrir – palavra técnica) o conteúdo de um arquivo, sendo que a tarefa mais básica na utilização de um computador consiste na visualização, direcionamento e pressão do botão do *mouse* sobre um objeto visual conhecido como ícone, que faz a intercomunicação homem-máquina. Após 12 aulas, espera-se que o acadêmico saiba que pressionar o botão do *mouse* uma vez faz com que o ícone do objeto em questão fique selecionado, e que, ao pressionar duas vezes sobre o ícone, consegue-

se visualizar o conteúdo de um arquivo. Quero deixar claro aqui que este procedimento é o padrão, salvo se o usuário solicitou mudanças na maneira de trabalhar com a interface, mas isto é assunto para outro momento.

O que se pretende com este trabalho é conscientizar os acadêmicos da Universidade de Passo Fundo sobre a importância do uso da ferramenta computador na vida acadêmica e no futuro profissional destes. O que incomoda mais os professores de informática dos cursos oferecidos pela instituição é o descaso, a falta de interesse, e o mais importante, achar que aprender uma lógica de procedimentos de uso das ferramentas computacionais é coisa banal, à qual não deveria ser dada importância, uma vez que, como sabem ligar o computador e ver fotos na *internet*, são sabedores e profundos conhecedores das ferramentas computacionais. A velha afirmativa acontece com frequência: “professor, eu sei fazer só não sei explicar”. Como conseguimos fazer algo e não sabemos que caminhos foram seguidos para a execução da tarefa? Claro, não podemos deixar de lado os usuários que tiveram pouco ou nenhum contato com a ferramenta, mas estes são minoria e não deixam de questionar e verificar se estão no caminho certo da construção do saber, mesmo que à sua maneira.

Espero, com este trabalho, ter alertado sobre a importância de não confiarmos em nossas crenças de “eu sei fazer” e certificarmos-nos sempre se os dados realmente estão a salvo. Não devemos deixar de termos certeza de que temos o controle sobre as informações que, em alguns casos, podem representar milhões de reais. Mesmo que não representem valor financeiro imediato, com certeza, representam um valor, quer acadêmico, quer outro qualquer. São, sem sombra de dúvida, importantes em algum momento de nossas vidas. O que precisamos é ter um controle sobre os comandos que gerem esta ferramenta fantástica chamada computador, que revoluciona a vida de todas as pessoas do planeta, dia após dia. Precisariamos muito mais do que estas poucas páginas para falar da importância de conhecer as ferramentas disponíveis para a realização de nossos trabalhos. Estas poucas páginas são um pedido de socorro para que usuários tenham em mente que seus arquivos são muito mais importantes do que esta ferramenta física chamada computador, do que esta “coisa” fria e dura representa.

## **REREFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

SERRANO, P. *Redação e Apresentação de Trabalhos Científicos*. Relógio D'Água Editores, Lisboa.

The Chicago Manual of Style, 14th ed., The University of Chicago Press, Chicago, 1996.

TURABIAN, K.L. *A Manual for Writers of Term Papers, Theses, and Dissertations*, 6th ed., The University of Chicago Press, Chicago, 1996.